WReC, WARWICK RESEARCH COLLECTIVE.
*DESENVOLVIMENTO COMBINADO E DESIGUAL – POR UMA
NOVA TEORIA DA LITERATURA-MUNDIAL.* TRADUÇÃO DE G.
B. ZANFELICE. CAMPINAS: UINCAMP, 2020.

Maria Elisa Cevasco

Em um país inserido no contexto cultural globalizado, onde as maneiras de ler literatura, parte central da teoria literária, costumam vir de fora e ser entusiasticamente adotadas, a publicação de *Desenvolvimento combinado e desigual – por uma nova teoria da literatura-mundial* é algo a ser comemorado. Fruto do trabalho em grupo do Coletivo de Pesquisa de Warwick, que reúne professores e pesquisadores na sua maioria dessa universidade inglesa, e traduzido por Gabriela Beduschi Zanfelicce, esta obra tem o potencial de pautar um debate produtivo sobre a literatura-mundial entre nós.

Assim como nos anos 1990, os Estudos Culturais foram a disciplina cujas ações mais subiam no mercado de teorias literárias pautado, como todos os mercados, pelo mundo anglo-americano, o novo século viu o aparecimento de uma nova abordagem da literatura, uma que desse conta das modificações culturais mais evidentes na assim chamada era da globalização. Para efeito de panorama rápido, e para situar o livro, destaco três vertentes muito influentes no campo que se abre e é, como todos nas humanidades, um espaço de disputa ideológica.

Em 1999, sai na França, outro *player* importante nesse mercado, *A República mundial das letras*, de Pascale Casanova. Neste livro, ela retoma a percepção de Goethe que, já nos anos 1880, via as possibilida-

des da internacionalização dos públicos leitores e de um novo cosmopolitismo das leituras. Para Casanova, essa república em nossos dias se dá em um espaço literário efetivamente mundializado, dominado pela rivalidade e competição. Diferentes nações lutam para tomar posse de uma definição do que é a literatura e impõem as normas a serem seguidas pelas outras, elas também em competição, para adequar-se a esses padrões. A tradução do seu livro para a linguagem hegemônica no debate, o inglês, saiu em 2004, em uma série coordenada por Edward Said. Nada mais apropriado, uma vez que Said foi um dos fundadores e pensadores centrais do campo teórico-crítico do pós-colonialismo, uma das condições de possibilidade para o surgimento da literatura-mundial.

A segunda posição sobre o debate é a associada ao nome de Franco Moretti, que, em “Conjectures on World Literature”, publicado no primeiro número da nova série da *New Left Review*, a mais influente das revistas marxistas, marca a apropriação pela esquerda do novo paradigma de estudos. Ele advoga aí uma noção de literatura-mundial como o nome de um problema que deve ser pensado em termos da teoria do sistema mundo, como exposta por Immanuel Wallerstein. Nossa experiência de vida no Brasil, torna fácil entender a descrição de Wallerstein do capitalismo internacional como um sistema definido por uma

unidade com uma só divisão do trabalho e sistemas culturais múltiplos. Trata-se de um mundo que é ao mesmo tempo uno e desigual, com um centro, uma periferia, e uma semiperiferia, atados em uma relação de desigualdade crescente. Nesse cenário, Moretti se propõe a encontrar as semelhanças nas diferenças, e princípios gerais que possibilitem considerar a literatura mundial como um sistema, mas um sistema de variações, isso é, “um sistema uno que não é uniforme.” (MORETTI, 2000, p. 64). Este está sujeito a algumas leis que se repetem em diferentes circunstâncias. No artigo, ele destaca uma dessas leis, que rege a importação do romance por diferentes países, e como as formas locais do gênero representam um compromisso entre a influência formal dos países hegemônicos e os materiais locais. Ele defende uma forma de ler esses romances que chama, com alta dose de provocação, de “leitura distante”. Como se sabe, a leitura cerrada, ou *close reading* é a forma canônica de ler literatura, com atenção às peculiaridades de cada texto. Para se obter um panorama geral, há que se deixar de lado a singularidade de cada obra. Trata-se, para Moretti, de um caso em que menos é mais. Não acredito que se possa ganhar muito mais do que um mapa do geral com este tipo de leitura, e concordo com Moretti quando ele se pergunta, em resposta aos debates que sua posição gerou, se “tal forma de história literária, baseada em princípios gerais e abs-

trações continuar sendo o que a tradição [marxista, que considera forma literária como um abstrato de relações sociais reais] exige de seus pensadores, ou seja, uma forma de crítica social?” (MORETTI, 2006, p. 38). Mas vou voltar a Moretti, central para o livro que estou resenhando aqui.

A terceira posição não tem nenhuma dessas preocupações, e é, como era de se esperar, a hegemônica. Pode-se descrevê-la a partir da obra de David Damrosch, que em seu *What is World Literature?*, de 2003, dá impulso à empreitada de promover a literatura-mundial nos termos idealistas que caracterizam muitas das posições da crítica literária. Na sua visão, a nova disciplina não tem limites, seu campo é o “estudo de qualquer literatura, de qualquer lugar, e de todos os tempos”. Como ele diz em uma entrevista, “Eu trabalho principalmente com a literatura escrita entre os anos 2000 e 2015, mas 2000 aí significa 2000 antes de Cristo.” (DAMROSH, LENFELD, 2019). Nessa expansão, não há lugar para descobrir o outro, mas sim para descobrimos o que tínhamos em comum. Nesse terreno do inespecífico, o comum a todos se reduz a grandes abstrações, como o fato de que somos tão humanos quanto os faraós do Egito ou os reis da Suméria (exemplos dele). Damrosch defende que a literatura mundial deve – e concordo com ele nesse aspecto – desprovincializar o público leitor

e expô-lo a literaturas até ontem descartadas como exóticas. Mas a variedade cronológica e geográfica dos interesses de Damrosch abre um flanco fácil para os críticos da literatura-mundial: para alguns, trata-se de algo parecido a um *Epcot Lit*, onde se percorre o mundo em busca de novidades literárias. Estas são apresentadas, sem levar em conta as especificidades sócio-históricas que dão sentido aos textos, para estudantes das velhas metrópoles europeias e dos Estados Unidos, dando-lhes a impressão de que são efetivamente cosmopolitas e abertos à diferença. Mas não se pode negar que o expansionismo da posição de Damrosch exerce grande atração para muitos proponentes da nova disciplina: na contracapa de seu livro, o autor é elogiado como sendo capaz de estar igualmente à vontade discutindo os sumérios, os astecas, o misticismo medieval e a metaficção pós-moderna. Se para Moretti menos é mais, para Damrosch mais é, claramente, mais.

A contribuição do coletivo de Warwick para este debate é fundamental. Como Moretti, eles se inserem na tradição da crítica cultural materialista. Como nos melhores trabalhos nesse campo, não se separa cultura de sociedade, e a ambição é apreender a realidade social e histórica, entender a nova disciplina em seu tempo e espaço e examinar o que ela nos conta de seu momento e de seu contexto. Segundo Moretti, ci-

tado na epígrafe de um dos dois ensaios teóricos que abrem o livro “O modo como imaginamos a literatura comparada é um espelho de como vemos o mundo.” Como sempre ocorre nas interpretações fortes, as colocações deste novo livro apresentam uma posição que muda os termos do debate e um ponto de vista que reorganiza o campo.

E qual é essa posição? O livro é dividido em duas partes correlatas: dois capítulos de exposição do modo de ver construído pelo grupo, seguidos de 4 análises de romances de diferentes culturas que mobilizam as categorias estabelecidas nos dois primeiros capítulos. No primeiro capítulo, “A literatura mundial no contexto do desenvolvimento desigual e combinado”, localizam a ascensão da literatura-mundial em dois contextos relacionados: o mais geral, o da reconfiguração de ainda outra versão da velha ordem mundial, que se conhece pelo nome de globalização; e o mais específico, o de ainda outra crise dos estudos literários, que tem que enfrentar os novos desafios postos pelas possibilidades e exigências colocadas pela ordem social mundializada. Para descrevê-la, eles lançam mão da conhecida descrição de Trotsky e à “linguagem do desenvolvimento desigual e combinado como reempregada pela teoria do sistema mundo” (p.6).

Como no caso de Moretti, este ponto de partida já faz uma grande diferença, na medida em que a âncora na organização real do mundo os impede de cair na vala comum dos que veem a globalização apenas do ponto de vista positivo, que exalta a diversidade, a multiplicidade e variedade, sem levar em conta que a globalização é também a padronização, a uniformidade e a dominação. Uma vez que partem da descrição Marxista do sistema mundo, eles sabem que a nova disciplina, como o contexto que ela produz e reproduz, não é baseada em uma diferença que relaciona, mas na desigualdade que é característica constitutiva desse sistema, e que precisa ser, nesta visão, sempre registrada e combatida. A literatura-mundial se estrutura na inter-relação centro/periferia. Estas não são categorias estanques, mas constitutivas uma da outra. Devem ser pensadas, para usar a formulação de Roberto Schwarz, com quem o livro dialoga, como situações diferentes entre si, mas não alheias uma à outra, uma vez que ambas são determinadas pela dinâmica abrangente do capital. Ver assim a literatura mundial já barra os esforços idealistas de buscar aí verdades atemporais ou falsas universalidades, fosso em que a crítica literária relega a produção cultural à irrelevância.

O segundo capítulo teórico, "A questão do realismo periférico começa com um resumo dos achados do primeiro: Um sistema mundo único mas radical-

mente desigual, uma modernidade singular, combinada e desigual; e uma literatura que, de maneiras variadas registra essa desigualdade combinada tanto em sua forma como em seu conteúdo, para se revelar, propriamente, como uma literatura-mundial, ... A literatura-mundial, como a entendemos, é uma categoria analítica, não um julgamento estético.” (p. 97).

Assim a literatura-mundial, como para Moretti, é vista como o nome de um problema, que se localiza, e, portanto, é moldado, no contexto do que Jameson formulou como a “modernidade singular”, onde singular se refere tanto a exclusiva, peculiar a um tempo histórico, quanto única – no caso espalhada por todo o globo - quer seja como descrição da realidade, quer como aspiração. Sabemos que “modernidade”, como categoria de periodização histórica, refere-se ao resultado de um processo de, pelo menos, 200 anos, de expansão do capitalismo como modo de vida que vai se firmando por toda parte. Modernidade é também a maneira como o capitalismo pensa a si mesmo, uma ideologia eficiente, que apaga, de forma falsa, as diferenças e se constitui a única utopia que parece factível nesse sistema. Todos queremos ser modernos. A literatura-mundial se forma nesse espaço e nesse tempo, registra e informa as contradições que os constituem. Trata-se de uma literatura que se define também como periférica, seja a da periferia em opo-

sição a nações centrais, seja as periferias internas, os lugares da combinação das desigualdades. Dada a força da ideologia reinante de que desenvolvimento é um estágio onde chegaremos todos é preciso insistir sempre, e o livro o faz reiteradas vezes, que o capitalismo produz desigualdade sempre, e por via de regra. Não se trata de opor, como lembram os autores, o Mali à França, ou o interior às grandes metrópoles, elas mesmas eivadas de desigualdade. Desigual e combinado quer dizer que “tanto o setor futurista de Shanghai quanto a favela da Rocinha no Rio de Janeiro” são igualmente emblemas da modernidade. Essa a matéria da literatura-mundial.

No segundo capítulo, eles propõem uma categoria para pensar a especificidade dessa produção. Penso que se vê aí mais um dos muitos acertos do livro. Ao invés de inventar uma nova, que não teria capacidade de descrever a interconexão que é fundamental para sua abordagem, eles se apropriam de uma categoria central para o debate sobre a literatura em geral e o romance em particular – os estudos de caso dos próximos capítulos enfocam romances. Propõem uma forma específica de realismo que funciona na periferia – de fato, eles chamam a este realismo de “irrealismo” – na medida em que sua forma se choca com seu conteúdo e produz um efeito de revelação.

Esse modo de enfocar a produção periférica ecoa o modo com que Roberto Schwarz a descreve no ensaio seminal “As ideias fora de lugar”: as formas de fora não podem ser evitadas, mas não descrevem a realidade dos países periféricos, nem mesmo falsamente, como o fazem em seus países de origem. Mas esse desconjuntamento é, ao mesmo tempo, seu conteúdo de verdade, uma vez que ao não se aplicarem aqui deixam de iludir, abrindo uma brecha para o pensamento congruente. No mesmo movimento, nos deixam ver como também no centro as ideias funcionam como forma de mascarar o andamento real do mundo: se aqui não descrevem a realidade, ficam abaladas suas pretensões de abarcar a natureza humana e de terem aplicação universal. Ao deixar a parcialidade e os interesses que estas ideias e categorias tentam disfarçar, o confronto entre formas do centro e conteúdo periférico se revela um ponto nevrálgico por onde passa e se revela a história mundial” (SCHWARZ, 1977, p. 23). Nesse sentido, o que se registra na periferia diz muito também sobre a marcha do mundo, que dá o ritmo dos acontecimentos internos. Como diz J. G. Ballard, na epígrafe do livro, “A periferia é onde o futuro se revela. ”

Expor o que especificamente se revela nesse irrealismo é tarefa dos quatro capítulos analíticos que fecham o livro. Cada um é um estudo de caso, ana-

lisando obras do romancista sudanês Tayeb Salih, do russo Victor Pelevin, as periferias europeias com personagens vivenciando-as em Madrid, Glasgow e Reykjavic, e fechando com o autor sul-africano de origem croata Ivan Vladislavic

O livro foi publicado em inglês em 2015. Em 2016, a revista *Comparative Literature Studies* (2016) publicou um fórum de debates sobre o livro, reunindo leituras de acadêmicos de diferentes lugares do mundo. Eu mesma contribui para esse fórum. Na minha intervenção, pergunto se não seria possível uma análise de dentro para fora dos romances escolhidos, uma análise, para colocar de forma simplificada, que me contasse algo que eu não sei sobre as sociedades retratadas aí. E por “algo que não sei” não me refiro às informações de detalhes exóticos sobre esses diferentes países. Vou repetir o exemplo que dei no fórum para tentar esclarecer o que quero dizer. Na análise do russo Pelevin, eles nos chamam a atenção para a predominância do que chamam de “tropos irrealistas e espectrais”. Eles notam que o mesmo se dá na literatura da África do Sul. A interpretação é que, nos dois casos, há um registro da imposição do neoliberalismo nos dois países, e a ascensão de economias do crime na semiperiferia. Acho que isso é do maior interesse, mas gostaria de ter acesso ao conhecimento que só a experiência literária nos dá: o que esse

uso de palavras, e demais elementos da forma desses romances, nos contam de como se vivem e sentem as contradições inerentes a esse processo de imposição. Em outras palavras, que conteúdo específico essa forma veicula, e como concretiza a experiência do vivido nas intersecções de mundos que constituem o centro, a periferia e a semiperiferia.

Para terminar, quero comentar a participação de Damrosch no fórum, para ilustrar a diferença que pode fazer no debate a contribuição do grupo de Warwick. Damrosch critica o livro por ter o que ele chama de um “ponto de vista monocular”: o coletivo deveria, como era de se esperar dele, saber mais línguas, incluir mais gêneros literários, mais países, e, é claro, ter mais isenção política. Ele se ressentia porque o coletivo tem uma posição política e a explícita. Há grupos que podem impor suas próprias ideias como se fossem universais e neutras: no mundo “desigual e combinado”, a convivência dos de cima e dos sempre de baixo exige, para o coletivo, uma tomada de partido. Vale lembrar, de novo, Moretti, na citação transcrita acima: “O modo como imaginamos a literatura comparada é um espelho de como vemos o mundo”. Para Damrosch, o mundo é uma vastidão de tempos e espaços à disposição de eventuais leituras, feitas de forma a apresentar a variedade, sem assumir nenhum ponto de vista. Gostaria muito que fosse

assim, mas para isso precisamos de um novo mundo, agora com igualdade e desenvolvimento. Nessa Utopia, haveria lugar para um pluralismo real. Enquanto isso, vamos aprendendo com o coletivo de Warwick a buscar o caminho que possa, um dia, fazer-nos chegar a um lugar de encontros entre iguais.

Referências

COMPARATIVE Literature Studies. Penn Press, 53 (3), 2016.

DAMROSH, David and LENFELD, Spencer Lee. "A World of Literature". *Harvard Magazine*. sep-oct, 2019. <https://harvardmagazine.com/2019/09/david-damrosch>

MORETTI, Franco Moretti. "The End of the Beginning", *New Left Review* 41, Sept/October 2006, p.38.

MORETTI, Franco. "Conjectures on World Literature". *New Left Review*. Jan-Feb 2000, p. 64.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.